

“O NOME DELE É GUSTAVO, E ELE É A MINHA MÃE”: REPRODUÇÃO E PARENTESCO ENTRE HOMENS TRANS QUE ENGRAVIDARAM

ANNE ALENCAR MONTEIRO*

Resumo: Este artigo traz uma análise relacional em torno da gravidez transmasculina. A partir da abordagem etnográfica, são apresentadas as vivências de quatro homens trans brasileiros que passaram pela experiência da gestação. Ao longo do texto é explorada a maneira como as narrativas de constituição intersubjetiva da transmasculinidade envolvem uma (re)criação das relações ligadas ao parentesco. Com isso há uma reinterpretação daquilo que chamavam como maternidade, principalmente no uso das terminologias pai/mãe. A vivência da gestação está contextualizada a partir do que eles chamam de transição de gênero e é construída com base na relação com as outras pessoas, sobretudo com aquelas que fazem parte da família. Esse processo não é feito sem conflito, tensiona as categorias de parentesco que remetem à paternidade e à maternidade, sendo essas categorias passíveis de mudanças e negociações. Assim, a gestação transmasculina rompe com a associação direta entre feminilidade-gravidez-maternidade.

Palavras-chave: Homem trans. Gravidez. Parentesco. Paternidade. Maternidade.

“His name is Gustavo. He is my mother”: reproduction and relatedness among pregnant trans men

Abstract: This article presents an analysis of transgender men who have passed through the experience of gestation. Four Brazilian trans men's experiences of pregnancy are introduced based on the ethnographic approach. The text analyses the narratives of transmasculinity's intersubjective constitution and how they create kinship relations. These trans men reinterpreted motherhood, especially the terminologies father and mother. Pregnancy experiences are contextualized in, what they call, gender transition. They produced relying on the relation with other people, especially those who are part of the family. This process occurs with conflict and tensions in the categories of kinship that refer to fatherhood and motherhood. These categories are subject to change and negotiation. Thus, transmasculine pregnancy breaks the direct association between femininity-pregnancy- motherhood.

Keywords: Trans man. Pregnancy. Relatedness. Fatherhood. Motherhood.

* Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Bahia (PPGA/UFBA). Mestre em Antropologia. Graduada em Ciências Sociais. E-mail: alencar.anne@gmail.com

INTRODUÇÃO

Na ocasião do meu trabalho de campo, eu conversava com alguns homens trans que haviam passado pela experiência da gestação. Minha intenção era compreender como eles lidavam com o fato de assumirem uma identidade masculina e terem engravidado; quais as consequências para as relações de parentesco; e quais eram suas noções de maternidade e paternidade. A história de Breno¹ se destaca: um homem trans de vinte e sete anos que mora em Feira de Santana, uma cidade próxima à Salvador/Bahia. Aos nove anos foi morar com o pai e a madrasta em Minas Gerais, pois sua mãe, Lúcia, estava desempregada. Retornou à Bahia com dezesseis anos, quando a situação financeira de sua mãe melhorou. Breno tem cinco irmãos, filhos da sua mãe, sendo ele o filho mais velho. Atualmente desempregado, vive dos trabalhos temporários que faz como ajudante de pedreiro. Engravidou aos dezessete anos, mas pariu aos dezoito, quando já era *maior*, na época ele ainda não se identificava como um homem trans. Para criar a filha Ana de dez anos, Breno conta com a ajuda financeira da mãe, com o auxílio do Bolsa Família e com a contribuição de cem reais mensais do outro pai da Ana, com o qual ele não tem muita proximidade. Durante nossas conversas, Breno narrou como tenta conciliar a sua vivência transmasculina com o fato de ter gestado sua filha. A reflexão feita por ele ilustra o modo como determinados homens trans, ao recriarem seus corpos e suas identidades, (re)criam as relações sociais:

Eu já pensei em parar [com a transição de gênero] sabe? Mas se eu parar agora ou se eu voltar para a caixinha do esquecimento eu não vou ser feliz o suficiente para terminar de criar ela [filha]. Porque tudo que eu faço é sempre pensando primeiro nela. Eu acho que até hoje se eu me privei tanto de ir buscar uma coisa que eu sabia que não era só o fato de gostar de garotas, que tinha algo a mais, foi por causa disso. Só que isso aí já vai trazer outras consequências, ainda mais quando a pessoa tem filho. Porque eu já falei para mainha que as únicas opiniões que importam para eu tomar alguma decisão é a dela e de minha filha².

A preocupação de Breno nas consequências que o chamado processo de transição de gênero³ pode trazer para os outros demonstra que essa (re)criação não é simples, mas um processo complexo de negociações e tensões. Dessa maneira, o presente artigo explora esse processo a partir da análise em torno da gravidez transmasculina e das noções de maternidade e paternidade para homens trans que engravidaram.

Essas reflexões fundamentam-se em um trabalho mais amplo que originou na minha dissertação (MONTEIRO, 2018) e ao qual dou continuidade no doutorado que está em andamento. Durante esta pesquisa anterior, analisei as dinâmicas relacionais de parentesco que envolvem as transformações corporais, a sexualidade e a reprodução para homens trans que passaram pela experiência da gestação. Minhas principais inspirações teóricas e etnográficas estão fundamentadas nos estudos antropológicos sobre gênero e relacionalidade (*relatedness*) (CARSTEN, 2000, 2004) e sobre aquilo que ficou conhecido na antropologia como novos estudos de parentesco, que se desdobraram a partir das críticas feitas por Schneider (2016) e pelas antropólogas feministas (FONSECA, 2007, 2003). Além disso, essa análise compreende a gravidez como constituída socialmente, em conformidade com o consenso da literatura nas ciências sociais da saúde⁴. Inspirada na perspectiva antropológica, em que a reprodução não é compreendida como um fenômeno puramente biológico, a gravidez é pensada dentro de contextos culturais mais amplos que envolvem relações de gênero, sexualidade, geração, classe, raça, acesso à saúde, relações de poder, processos globais, políticos e econômicos (GROSSI, 2010).

Para dar conta das vivências e experiências transmasculinas, utilizei três estratégias metodológicas⁵: observação participante nos espaços de sociabilização de homens trans na cidade de Salvador/Bahia; exploração na internet a partir do uso das mídias digitais *on-line*⁶ acessando páginas, perfis, grupos no Facebook e no Instagram, canais do Youtube, sites que produzem notícias sobre homens trans, conversas pelo WhatsApp⁷; e realização de entrevistas individuais do tipo semiestruturadas em profundidade que foram gravadas a partir da autorização prévia dos entrevistados. Todo esse processo durou um ano e meio e aconteceu entre os meses de setembro de 2016 a abril de 2018. Oito homens trans foram os protagonistas dessa etnografia, mas, para compor este artigo, selecionei quatro: Breno, Gustavo, Leo e Júlio. Suas histórias serão descritas

mais adiante. Por ora, saliento que suas vivências e experiências enquanto homens trans que gestaram demonstram que assumir uma forma diferente de ser e estar no mundo acarreta conflitos, tensões e negociações. Identificar-se como homem e, ao mesmo tempo, manter as relações de parentesco e a reprodução não é uma tarefa fácil de conciliar. Assim, veremos ao longo do texto que as narrativas de constituição intersubjetiva da transmasculinidade envolvem uma (re)criação das relações ligadas à esfera do parentesco e uma reinterpretação daquilo que chamavam maternidade. Contudo, antes de aprofundarmos nesse aspecto, é preciso compreender algo que ocupa um lugar central nessas relações e que compõe o que eles comumente chamam de processo de transição de gênero.

PROCESSO DE TRANSIÇÃO DE GÊNERO E GESTAÇÃO TRANSMASCULINA

Comecei meu trabalho de campo com o interesse de analisar as relações de parentesco que envolviam homens trans que haviam gestado seus próprios filhos e filhas. Contudo, à medida que ia avançando na pesquisa, percebi que o corpo tinha uma centralidade em suas relações. Frequentemente eu presenciava conversas sobre o processo de transição de gênero. Essa transição não é linear e nem homogênea, possui muitas nuances, caracterizando-se como um processo complexo que tem como ponto fundamental a autoidentificação com a categoria homem ou com as masculinidades. Assim, transmasculinidade refere-se, de um modo geral, às pessoas que foram inicialmente consideradas como mulheres ao nascer, a partir da observação de suas genitálias, mas que no curso de sua constituição como sujeitos se opuseram a essa determinação e se autoidentificam como homens. Nessa trajetória de transição, ao negarem o gênero imposto no nascimento, esses homens trans recusam o determinismo biológico que compõe o sistema sexo/gênero (RUBIN, 1993)⁸, apesar de terem como referência a materialidade de seus corpos. Além disso, essa transição é atravessada por leituras racializadas e sexualizadas dos corpos (SANTANA, 2019), o que torna as vivências transmasculinas ainda mais dinâmicas e diversas.

Tal experiência é composta por uma variedade de nomenclaturas, como: trans homem, transman, FTM (sigla original do inglês *female-to-male*), transexual masculino, homem transexual, pessoa transmasculina, boycetas, dentre outras. Entretanto, opto por utilizar a categoria homem trans como um termo guarda-chuva, pois os principais colaboradores da pesquisa se autoidentificaram com esse termo. Vale salientar que essa nomenclatura não esgota essa diversidade e que nem todos se identificam com o binarismo de gênero homem-mulher, como é o caso das pessoas transmasculinas. Tais pessoas tendem a não se identificar com a categoria homem, mas com as masculinidades, ou seja, enfatizam que há a possibilidade de vivenciar a masculinidade sem necessariamente ser uma vivência de homem.

Além das questões linguísticas, essa experiência é marcada por mudanças legais⁹ e diferentes formas de transformações corporais. Cada homem trans ou pessoa transmasculina pode ou não utilizar o que há disponível para compor seu gênero. Não há uma regra a ser seguida como em uma receita, há possibilidades que são compartilhadas. As modificações corporais podem ou não incluir o uso de fármacos à base de testosterona¹⁰, uso do *binder*¹¹, *packer*¹², roupas e acessórios considerados masculinos, loções para crescer a barba¹³ e a realização de cirurgias. A principal cirurgia realizada e a mais desejada entre os homens trans é a mastectomia ou mamoplastia masculinizadora, que visa masculinizar o tórax a partir da retirada dos seios. Além da mastectomia, outras cirurgias podem ser feitas, como a histerectomia, que consiste na retirada do útero, e a cirurgia de transgenitalização, também conhecida como redesignação sexual. Essas cirurgias são realizadas com menos frequência, sendo a última menos desejada, pois, segundo os homens trans, os resultados não são satisfatórios dado seu caráter experimental e, além disso, a maioria não possui recursos financeiros para custear-las ou não conseguem acessá-las por meio das políticas do Sistema Único de Saúde (SUS).

Segundo Gonzalez-Polledo (2017), esses processos que envolvem a transição de gênero funcionam através e contra os parâmetros médicos e jurídicos que atualmente se baseiam numa distinção entre sexo e gênero que tem suas raízes na ciência sexual do século XIX. Tais parâmetros pressupõem que a transição começa quando o sexo e o gênero estão desalinhados e definem a transição como uma passagem de um gênero para o outro, em que o sucesso dessa transformação depende de mudanças físicas, psicológicas e expressões de gênero bem definidas e alinhadas (GONZALEZ-POLLEDO, 2017). Contudo, pude observar que essa definição não

corresponde às vivências cotidianas dessas pessoas e que há diversos aspectos que vão além desses parâmetros, como é o caso dos homens trans que engravidam.

No caso do Brasil, os parâmetros estão ligados ao chamado processo transexualizador do SUS¹⁴. Nesse contexto, a condição reprodutiva das pessoas trans constitui uma particularidade que, segundo Barboza (2012), põe em risco os seus direitos reprodutivos, pois a realização de determinadas cirurgias pode comprometer a capacidade reprodutiva dessas pessoas de maneira irreversível, e nenhuma ressalva é feita quanto à possibilidade de preservação de seus gametas, gerando assim uma *castração simbólica*, já que não é levada em consideração a possibilidade de as pessoas trans terem filhos a partir das tecnologias reprodutivas. Já Angonese (2016) observa que há uma invisibilidade das questões relativas à reprodução nas políticas públicas voltadas para pessoas LGBTQIA+ em comparação com as políticas voltadas para as mulheres cisgêneras¹⁵, em que a gravidez e a reprodução já são pressupostas. Atento a esse debate e teorizando a respeito das transmasculinidades, Peçanha (2015) enfatiza a necessidade dos serviços de saúde no Brasil atenderem às especificidades que um corpo trans grávido exige, como o respeito à identidade masculina por parte da equipe médica que acompanhará essa pessoa.

Embora esses processos ainda possam representar uma barreira para pessoas trans e dada a complexidade que envolve o processo de transição de gênero, homens trans e pessoas transmasculinas podem engravidar caso não tenham realizado a histerectomia ou a cirurgia de transgenitalização; interromperam ou nunca iniciaram o tratamento hormonal; não utilizam contraceptivos; e há também os que desejam engravidar. Muitos homens trans não são estéreis, mas o uso dos seus órgãos reprodutivos pode significar uma transgressão ao gênero escolhido. Afinal, uma gestação pode ser vista como um ato incompatível com sua identidade masculina, pois a gravidez é compreendida socialmente como uma antítese ao que é ser um homem (HÉRAULT, 2011). Contudo, para os homens trans com os quais eu convivi, a gravidez não significou se tornar *menos homem*¹⁶. Esse processo reprodutivo está diretamente relacionado às dinâmicas corporais que envolvem o percurso de transição de gênero e às relações no âmbito do parentesco.

As narrativas sobre as experiências gestacionais dos homens trans que conheci se diferenciam a partir do momento que a gravidez aconteceu: se foi antes ou depois da autoidentificação como homem. Na época em que realizei a pesquisa de campo, tive dificuldade de encontrar homens trans que estavam grávidos, esse ainda era um assunto pouco debatido nos espaços de pessoas trans que eu frequentava. Dos homens trans com os quais convivi, um engravidou após a autoidentificação como homem, e os outros engravidaram antes desse processo. As narrativas daqueles que engravidaram antes se diferenciam a partir das suas identidades sexuais no momento da gestação, ou seja, eles estavam em um relacionamento heterossexual com homens cisgêneros quando gestaram ou se reconheciam como mulheres lésbicas no momento da gravidez. Há também diferenças no que diz respeito à própria forma como engravidaram, se foi planejado, se foi uma surpresa ou se foram vítimas de estupro corretivo¹⁷, como é o caso de Leo. Leo tem quarenta e cinco anos e mora em São Paulo, atualmente está desempregado e sobrevive das vendas de seus artesanatos. Passou a infância em um sítio localizado no interior do estado, onde cresceu ao lado da sua mãe, de suas duas irmãs e de seu irmão. Já adulto, mudou-se para a capital e hoje mora sozinho, mas conta que já foi casado com uma mulher cis quando sua filha era criança. Além de pai, Leo também é avô. Quando sua neta nasceu, moraram todos na mesma casa. Com o passar do tempo, sua filha adquiriu certa estabilidade financeira e decidiu se mudar, mas continua morando numa casa próxima à dele, na mesma rua. Quando Leo tinha dezenove anos, foi vítima de um estupro corretivo, que acabou ocasionando a gestação, a qual ele optou por não interromper. Na época ainda não se identificava como homem trans, mas como uma mulher lésbica. Quando ele me contou sobre sua experiência com a gravidez, enfatizou que não só o estupro tinha a função de *corrigir* a sua sexualidade, mas a sua gestação foi interpretada por sua mãe como algo que também iria *corrigir* a sua masculinidade. Mas não foi isso que aconteceu, trata-se de uma experiência marcada pela tensão entre a masculinidade e a gestação, nas palavras dele:

Não foi uma gestação tranquila porque, na minha cabeça, homem não engravidava e na minha cabeça eu era um homem, as mudanças corporais elas me afetavam muito. Quando eu ia comprar roupas, as

roupas de gestante era só vestido, vestido. Eu falei não, não vou. Aí fui numa costureira e mandei fazer uns macacões assim, bem masculinos. Eu lembro que eu estava tomando banho e de repente começou a sair leite do meu peito e eu comecei a gritar: “mãe socorro! Está acontecendo alguma coisa errada!”. E aí minha mãe falou: “para de ser besta, isso é leite”. Quando eu estava fazendo o pré-natal, eu lembro de ter conversado com o médico e falado para ele que jamais, em momento algum, eu faria parto normal, que eu pagaria a cesárea.

A partir dessa fala ficou nítido para mim que a gravidez transmasculina complexifica as fronteiras entre a feminilidade (aqui posta pela gravidez) e a masculinidade (representada pelo “na minha cabeça eu era um homem”), e consequentemente entre paternidade e maternidade, uma vez que há uma manutenção dos processos de masculinização com a reprodução. Assim, mesmo não se identificando como homem no momento da gestação, essa experiência faz parte da transição de gênero. O significado que esses homens dão à gravidez é incorporado à própria narrativa de constituição intersubjetiva da masculinidade.

A situação de Júlio não foi muito diferente, mesmo já se autoidentificando como homem trans quando engravidou. Ele tem vinte e dois anos e morou a vida inteira em uma cidadezinha que fica na zona norte de São Paulo. Filho de pais separados, tem três irmãos, dois por parte de mãe e um por parte de pai. Identifica-se como Júlio há mais ou menos quatro anos. Fez o uso da testosterona em gel durante dois meses e meio, mas resolveu interromper, e nesse intervalo engravidou do seu filho Davi, que está com um pouco mais de um ano. Relatou também que durante a gravidez e a amamentação precisou suspender o uso da testosterona, retornando há poucos meses. Desempregado e com um filho pequeno, conta com uma pequena rede de apoio financeiro dentro da família, embora não tenha boas relações com a maioria dos seus parentes, que não respeitam sua identidade de gênero. Ele me disse que engravidou do seu amigo por acidente em um momento em que beberam muito e transaram sem camisinha. Quando Júlio contou para as pessoas, principalmente para sua família, que estava grávido, foi um momento difícil e confuso:

Eu descobri a minha gestação com dois meses de gravidez. E foi em um momento que eu tinha que contar para a minha família. Primeiramente eu tinha contado para duas primas minhas e elas não estavam acreditando. Eu era aquela pessoa que ninguém imaginaria que iria ter um filho por eu ser quem eu sou. Então, foi um impacto muito grande na minha família quando eu contei. Aí ninguém entendeu mais nada. Meu pai achou que eu ia casar com o cara, achando que eu ia voltar a ser a fulana. Mas se enganou e ficou decepcionado, ficou dois meses sem falar comigo. Minha mãe ficou um mês sem falar comigo. A minha avó aceitou melhor que todo mundo da minha família [...]. Quando ela [a mãe] estava começando a aceitar [a sexualidade lésbica] eu engravidei e isso acabou bagunçando a cabeça dela. Não só a dela como a de todos [...]. Tudo virou uma bagunça para todo mundo quando eu engravidei.

Diante dessa narrativa fica evidente que a vivência da gestação está contextualizada e construída com base na relação com as outras pessoas. É relevante para os homens trans o que suas mães pensaram no momento em que contaram sobre a nova gravidez e também a leitura social que as pessoas fizeram desse momento, principalmente pelas roupas que escolheram usar durante a gestação. Comparando a experiência desses homens trans com as de mulheres cisgêneras, percebemos que há pontos em comum, mas que também são divergentes. Os relatos e experiências gestacionais de jovens negras de Salvador analisadas por McCallum e Reis (2006) e das mulheres de Riachão no Sul da Bahia acompanhadas por Rezende (2015) demonstram que essas experiências aparecem, também, relacionadas com contextos mais amplos que envolvem a família, os profissionais de saúde e o Estado. Nesse sentido, a gestação e o parto são compreendidos como um processo relacional (MCCALLUM; REIS, 2006). Contudo, diferente

dessas mulheres cisgêneras, os homens trans dão sentido à reprodução como uma experiência que constitui suas masculinidades. Eles narram esse momento a partir de elementos que remetem à construção do que é ser homem para eles. A masculinidade está o tempo todo em cena: no conflito com a gestação, porque “na minha cabeça eu era homem e homem não engravida”; no momento que são vítimas de estupro para corrigir suas condutas sexuais e de gênero; no momento em que alguns familiares acham que a gravidez irá determinar seu lugar enquanto uma mulher. Ao se autoidentificarem como homens, a reprodução não é negada, mas incorporada à própria trajetória de transição de gênero, pois nesse contexto ela está, estrategicamente, associada com a testosterona, com o *binder*, com o *packer*, com a mastectomia, com a sexualidade. Assim, como na gravidez transmasculina tudo pode virar “uma bagunça para todo mundo” – como bem descrito por Júlio –, as relações de parentesco também podem ser bagunçadas, principalmente aquilo que se compreendia como maternidade.

“MAS VOCÊ CHAMA SEU PAI DE MÃE?”

Durante a realização da pesquisa de campo, eu procurava compreender como uma pessoa que era reconhecida socialmente como mulher, como mãe, ocupa o lugar do masculino. Ao passo que as observações iam avançando, percebi que esta não era uma questão só minha, os homens trans com os quais eu convivi também se questionavam nesse processo. Gustavo, por exemplo, buscou respostas para essa mesma pergunta. Ele é um homem trans de vinte e cinco anos que engravidou antes da transição de gênero e tem uma filha de cinco anos que ele chama carinhosamente de Manu. Eles moram na capital de São Paulo, próximo a outros parentes da família. Formado em fisioterapia, atualmente trabalha em uma UTI neonatal. Gustavo foi criado pela avó e pela tia, durante a infância não teve muito contato com a mãe, pois ela passava o dia fora de casa trabalhando. Já adulto, começou a frequentar a igreja, por conta da pressão da família, principalmente de sua mãe, e lá começou a namorar para “manter a aparência para a família”, desse relacionamento nasceu a Manu. Contudo, ele percebia que não era aquilo que desejava e resolveu romper com esse namoro. Em seguida, Gustavo conta como foi seu processo de aproximação com a transgeneridade. Nessa narrativa são destacados aspectos que são marcados pela tensão entre articular a sua posição de *mãe* e o fato de estar se identificando como homem:

Eu vi na televisão algo falando sobre transtorno de identidade de gênero, depois eu fui pesquisar na internet para saber o que era isso. Foi quando eu conheci o famoso João Nery¹⁸. Comecei a falar com ele: “João eu li um pouco sobre você e me identifiquei pra caramba, só que eu tenho uma filha.” E aí uma coisa que ele falou e levo isso pra mim, para o resto da minha vida: “o fato de você ser mãe não te faz menos homem, você é homem, você é mãe e você pode ser os dois sem problema nenhum.” E a partir daí fui procurar ajuda [...] fui e comecei com todo o processo.

A resposta dada por João Nery condensa elementos importantes que nos ajudam a compreender como a gestação e a relacionalidade são vivenciadas e interpretadas por esses homens trans. Assim como Gustavo, Breno também se preocupou com o fato de ter uma filha e se reconhecer como um homem. No relato apresentado no início deste artigo, a transgeneridade aparece como algo necessário para que Breno possa continuar exercendo seu papel de cuidador da filha: “se eu parar agora [...] eu não vou ser feliz o suficiente para terminar de criar ela”. A transgeneridade nesse contexto não aparece como um fenômeno desassociado da relação com os outros, inclusive ela pode ser importante para o outro e não só para si mesmo. Vemos nesse contexto que os processos corporais não são desassociados das relações com as outras pessoas. Isto não é exclusivo das experiências e vivências trans, mas é pertinente pontuar para não pensarmos na transgeneridade como um processo somente individual e egocêntrico (HÉRAULT, 2016). Dada essa característica, as mudanças corporais decorrentes do processo de transição de gênero acabam tencionando as categorias de pai e mãe; paternidade e masculinidade. Isso fica evidente, por exemplo, quando precisam enfrentar situações públicas com seus filhos e filhas. Gustavo descreve uma dessas situações:

Agora hoje isso impacta um pouco da minha vida e na vida dela. Porque na nossa rotina ela me chama de mãe e isso não me incomoda, mas quando a gente está em ambiente público e ela me chama de mãe as pessoas ficam olhando. Ou então os amiguinhos dela da escola questionam: “Mas você chama seu pai de mãe? Qual o nome do seu pai? Porque você chama seu pai de mãe? Você não tem mãe? Sua mãe morreu?”. Aí ela nessa volúpia do saber de uma criança de seis anos, na maturidade que ela tem, ela fala bem sucintamente: “A minha mãe era uma menina e agora ela é um menino. O nome dele é Gustavo e ele é a minha mãe.” [...] Agora quando a gente está na rua, porque eu não aparento ter a idade que tenho, as pessoas falam: “É seu irmão, é seu tio, é seu primo?” E ela fica sem saber o que falar se é pai, se é mãe. E no começo ela falava: “não, é minha mãe”. E o povo falava: “como assim é sua mãe?” [...] Eu falo: “Manu para evitar esse tipo de pergunta filha, para não ficar chato para você e nem para mim, fala é meu pai, pronto e acabou”. Hoje em dia ela fala: “é meu pai” e aí no nosso dia a dia eu sou mãe.

Conciliar as mudanças corporais, o desejo de ser reconhecido publicamente como um homem com o fato de ser chamado de mãe não é uma atividade fácil de realizar. Exige tempo e paciência, ou melhor, como diz Breno, precisa “ir se adaptando”:

Para mim a grande pergunta é: “Como sua filha te vê?” Ela me vê como a mãe dela. Ela foi criada assim, já sabe quem é o pai, quem é a mãe, já nasce naquilo ali. Vou deixar ela ir se adaptando. E como estou mudando fisicamente, ela tem reparado.

Os homens trans que engravidaram antes da transição, como Breno e Gustavo, relatam que é difícil se desvincular daquela figura feminina representada pela mãe, e por isso eles buscam estrategicamente outras formas de (re)significar essas relações, e isso não ocorre sem tensões e sofrimento. Breno disse que a sua filha, Ana, sabe sobre sua transgeneridade, e com o passar do tempo, quando as primeiras mudanças corporais do Breno começaram a surgir como resposta ao tratamento hormonal, ela ficou muito triste, dizendo que não queria que Breno “virasse um menino”, pois tinha muito medo de perder a mãe. Breno conta que deixa ela bem à vontade em relação a isso, mas que em algumas situações acaba ficando um pouco constrangedor para ele:

Eu gostaria muito que ela me visse como pai, mesmo já tendo o outro dela, mas que não fosse algo imposto. E principalmente por conta do constrangimento que eu passo sempre quando nós saímos e ela me chama de mãe e as pessoas olham tipo, como assim mãe? Eu tenho medo de sofrer alguma violência.

Como alternativa a esse mal-estar, a filha de Breno passou a tratá-lo com termos masculinos em ambientes públicos, mas que em casa ou em espaços que a transgeneridade de Breno não representa um problema, sua filha o chama de mãe sem acarretar nenhuma dificuldade para ambos. Assim, a transgeneridade é um processo que exige uma negociação das relações ligadas ao parentesco e à reprodução e uma (re)construção de conectividades que foram feitas anteriormente à transição de gênero. Com isso, uma pessoa, ao engravidar, não se torna automaticamente uma mãe, em que tais categorias não são fixas e podem mudar ao longo do tempo.

Além disso, dentro desse contexto da gestação transmasculina, pude perceber que a questão de ser pai ou mãe não é centralizada no papel que se exerce na criação dos filhos e filhas. Assumir uma identidade masculina não significou deixar de exercer funções que são socialmente atribuídas à maternidade. No caso desses quatro homens trans, todos eles assumiram a criação dos filhos sem contar com o apoio dos pais cis na divisão das tarefas de cuidado. Esses homens trans acabam

contando com a ajuda de outras pessoas da família, geralmente suas mães ou avós, mesmo que com elas eles não mantenham uma boa relação por não respeitarem a sua identidade de gênero. Júlio, por exemplo, conta que, quando descobriu a gestação, foi um momento complicado, não pelo fato de já se reconhecer enquanto homem, mas por não desejar ter um filho naquele momento de sua vida e por não ter tido o suporte do outro pai:

Saber da gestação foi um dos piores momentos da minha vida, eu perdi totalmente o foco das coisas que eu tinha. Eu estava fazendo faculdade, eu parei, não consegui continuar. Eu não sei explicar, só sei que fiquei perdido totalmente. [...] O que me pegava também era o fato do pai de Davi [filho] não ter me ajudado em nada. Ele me sujou muito, porque ele soube das tentativas de aborto. Ele me ameaçou, falou para a minha família, falou para a rua inteira. [...] Ele não me ajuda e nem me ajudou em nada.

Isso foi motivo de grande sofrimento para Júlio, que, além de ter que lidar com o fato de ser um homem grávido, ainda lidava com os problemas de levar adiante uma gravidez não desejada sem apoio emocional. Assim, percebemos que esses homens trans, mesmo ocupando papéis socialmente e historicamente ligados ao feminino, como o cuidado que se espera que uma mãe tenha com seus filhos, para eles isso não é uma função materna, já que eles não se reconhecem como mulheres. Com isso, a gravidez transmasculina tenciona a maternidade a partir do momento que, ao se encontrarem dentro dessa categoria, eles reivindicam o masculino e passam a dar outros sentidos às relacionalidades produzidas a partir da gravidez.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências e as narrativas dos homens trans que foram descritas ao longo deste artigo demonstram que a gestação não deve ser compreendida como um fenômeno apenas biológico restrito à feminilidade ou que possui uma associação direta com a maternidade. Engravidar também pode fazer parte do que é um homem. Além disso, vimos que nesse contexto a vivência da gestação está contextualizada a partir da trajetória de transição de gênero, a qual é construída com base na relação com as outras pessoas. Vimos, também, que esse processo não é feito sem conflitos e tensões, assim, as categorias de parentesco que remetem à paternidade e à maternidade não são fixas e nem dadas *a priori*, elas podem ser mutáveis e alvo de constantes negociações.

Portanto, vemos emergir do material etnográfico que os processos corporais e subjetivos que envolvem a transição de gênero acabam impactando as relações ligadas à esfera do parentesco, principalmente no uso das terminologias pai e mãe, maternidade e paternidade. A gravidez transmasculina acaba embaçando as fronteiras entre feminilidade e masculinidade, uma vez que essas pessoas não abrem mão dos processos reprodutivos ao assumirem uma identidade masculina. Mesmo para aqueles homens trans que engravidaram antes da transição de gênero, suas experiências com a gestação são incorporadas à própria narrativa de autoidentificação transmasculina, o que exige saídas estratégicas em busca de outras formas de (re)significar suas relações, e, assim, vão construindo mundos possíveis, tornando suas existências ainda mais inteligíveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA (ABA). *Código de ética do antropólogo*. 2012. Disponível em: <<http://www.abant.org.br/?code=3.1>>. Acesso em: 13 ago. 2017.
- ALMEIDA, Guilherme. “Homens trans”: novos matizes na aquarela das masculinidades? *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 513-523, maio/ago. 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2012000200012>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/wkWvfpf58vHyvr35KTZyvtr/?lang=pt>>. Acesso em: 5 out. 2021.

- ANGONESE, Mônica. “*Um pai trans, uma mãe trans*”: direitos, saúde reprodutiva e parentalidades para a população de travestis e transexuais. 2016. (Mestrado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.
- ÁVILA, Simone. *Transmasculinidades: A emergência de novas identidades*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.
- BARBOZA, Heloisa Helena. Proteção da Autonomia Reprodutiva dos Transexuais. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 549-558, maio 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/issue/view/1905>>. Acesso em: 4 ago. 2016.
- CARSTEN, Janet (Org.). *Cultures of relatedness: new approaches to the study of kinship*. UK: Cambridge University Press, 2000.
- CARSTEN, Janet. *After Kinship*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- FONSECA, Claudia. De família, reprodução e parentesco: algumas considerações. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 1, n. 29, p. 9-35, jul. 2007.
- FONSECA, Claudia. De afinidades a coalizões: uma reflexão sobre a “transpolinização” entre gênero e parentesco em décadas recentes da antropologia. *Ilha: Revista de Antropologia*, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 5-31, jun. 2003.
- GONZALEZ-POLLEDO, EJ. *Transitioning: Matter, gender, thought*. New York: Rowman & Littlefield, 2017.
- GROSSI, Miriam Pillar. Gênero, sexualidade e reprodução. In: MARTINS, Carlos Benedito; DUARTE, Luiz Fernando Dias. *Horizontes das Ciências Sociais no Brasil: Antropologia*. São Paulo: ANPOCS, 2010. p. 293-340.
- HEILBORN, Maria Luiza et al. Aproximações Socioantropológicas sobre a gravidez na adolescência. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 8, n. 17, p. 13-45, jun. 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ha/a/py75RPTb5wdBdQcFnQpXHyK/?lang=pt>>. Acesso em: 22 jun. 2016.
- HÉRAULT, Laurence. Le mari enceint: construction familiale et disposition corporelle. *Critique: Centre National des Lettres, França*, v. 764-765, n. 1-2, p. 48-60, jan. 2011. DOI: <https://doi.org/10.3917/criti.764.0048>. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-critique-2011-1-page-48.htm>>. Acesso em: 5 out. 2021.
- JESUS, Jaqueline Gomes de. *Orientações sobre identidade de gênero: Conceitos e termos*. Brasília: E-book, 2012. Disponível em: <<http://www.diversidadessexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2018.
- MCCALLUM, Cecília; REIS, Ana Paula dos. Re-significando a dor e superando a solidão: experiências do parto entre adolescentes de classes populares atendidas em uma maternidade pública de Salvador, Bahia, Brasil. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 7, p. 1483-1491, jul. 2006.
- MISKOLCI, Richard. Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. *Cronos: Revista de Pós-Graduação de Ciências Sociais*, Natal, v. 12, n. 2, p. 9-22, dez. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/download/3160/pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2016.
- MONTEIRO, Anne Alencar. *Homens que engravidam: um estudo etnográfico sobre parentalidades trans e reprodução*. 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.
- MONTEIRO, Anne Alencar. Cavalos-marinhos: uma análise etnográfica sobre masculinidades que engravidam. In: BOLLETTIN, Paride; EL-HANI, Charbel. (Org.). *Teorias da Natureza: etnografias da Bahia*. Padova: Cooperativa Libreria Editrice Università di Padova, 2020. p. 11-30.

- NERY, João Walter. *Viagem Solitária*: Memórias de um transexual trinta anos depois. São Paulo: Leya, 2011.
- PEÇANHA, Leonardo Morjan Britto. Ressignificar e empoderar o corpo: Homem trans grávido e os desafios da adequação. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DESFAZENDO O GÊNERO, 2., 2015, Salvador. *Anais...* Salvador: UFBA, 2015. p.1-5.
- REZENDE, Patrícia de Souza. *A reprodução enquanto um processo biossocial*: estudo etnográfico em uma vila do baixo-sul baiano. 2015. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.
- RUBIN, Gayle. *O tráfico de mulheres*: notas sobre a “economia política” do sexo. Recife: SOS Corpo, 1993. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/1919>>. Acesso em: 25 out. 2019.
- SANTANA, Bruno Silva de. Pensando as Transmasculinidades Negras. In: RESTIER, Henrique; SOUZA, Rolf Malungo de (Org.). *Diálogos Contemporâneos Sobre Homens Negros e Masculinidades*. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019. p. 95-103.
- SCHNEIDER, David. *Parentesco Americano*: uma exposição cultural. Petrópolis: Vozes, 2016.
- SOARES, Gilberta Santos. *Sapatos tem sexo?* Metáforas de gênero em lésbicas de baixa renda, negras, no Nordeste do Brasil. 2016. Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismos) – Núcleo de Estudos da Mulher, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.
- VERGUEIRO, Viviane. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes*: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2015. Dissertação (Mestrado Multidisciplinar em Cultura e Sociedade) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.
- VIEIRA, Elisabeth Meloni et al. Gravidez na adolescência e transição para a vida adulta em jovens usuárias do SUS. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 51, n. 25, p. 1-11, jan. 2017.

NOTAS EXPLICATIVAS

- ¹ Por questões de ética na pesquisa, os nomes utilizados são fictícios, a fim de garantir o anonimato das pessoas que colaboraram com a etnografia.
- ² Os trechos das falas foram retirados das entrevistas realizadas em 2018. Ao transcrevê-las, optei por fazer pequenas edições com o objetivo de eliminar vícios linguísticos característicos da oralidade. Essa edição não alterou o conteúdo narrado pelos entrevistados, preservando a veracidade das informações aqui apresentadas.
- ³ A transição de gênero é uma experiência marcada por diferentes formas de transformações jurídicas e corporais que podem incluir desde a utilização de roupas e acessórios considerados masculinos até as intervenções cirúrgicas e hormonais (ALMEIDA, 2012; ÁVILA, 2014).
- ⁴ A exemplo das pesquisas de Heilborn et al. (2002), Vieira et al. (2017), Rezende (2015), McCallum e Reis (2006).
- ⁵ A pesquisa de campo foi realizada tendo como base os aspectos éticos das pesquisas qualitativas do tipo participante que envolvem seres humanos. Por se tratar de uma etnografia, o Código de Ética da Associação Brasileira de Antropologia (ABA, 2012) foi tomado como parâmetro seguido. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia e consta com registro na Plataforma Brasil através do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética de número 80280117.9.0000.5030.

- ⁶ Utilizo mídias digitais para referir aos “[...] meios de comunicação contemporâneos baseados no uso de equipamentos eletrônicos conectados em rede, portanto referem-se – ao mesmo tempo – à conexão e ao seu suporte material. Há formas muito diversas de se conectar em rede e elas se entrecruzam diversamente segundo a junção entre tipo de acesso e equipamento usado. Por exemplo, é possível conectar-se por meio do uso de rede de telefonia fixa, wi-fi ou rede celular assim como essas formas de conexão podem se dar por computadores de mesa, portáteis, celulares ou tablets. É muito diferente acessar a rede por meio de um computador fixo em uma lan house usando linha telefônica ou acessá-la com o uso de um smartphone pela rede celular. Dentre os elementos que variam destacam-se a frequência de acesso, a mobilidade, a velocidade da conexão e o tipo de redes em que o usuário se insere” (MISKOLCI, 2011, p. 12).
- ⁷ O Facebook, Instagram e WhatsApp são espaços de relacionamentos e interações virtuais que permitem ter conversas coletivas ou privadas, e o compartilhamento de áudios, vídeos e fotos. Já o Youtube é mais utilizado como uma plataforma de compartilhamento de vídeos, e a interação ocorre por meio de comentários.
- ⁸ Segundo Rubin (1993), o sistema de sexo/gênero é “[...] um conjunto de arranjos através dos quais a sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos de atividade humana, e na qual estas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas” (RUBIN, 1993, p. 2), ou seja, o sistema sexo/gênero envolve as noções de identidade de gênero, os papéis sociais de homens e mulheres, a procriação e a sexualidade. Assim, para a autora, o gênero é um produto das relações sociais de sexualidade, sendo o parentesco e a divisão sexual do trabalho criadores da reciprocidade sexual entre homens e mulheres, instaurando uma heterossexualidade obrigatória.
- ⁹ Como, por exemplo, a utilização do nome social e a retificação de prenome e gênero nos documentos civis.
- ¹⁰ É comum entre os homens trans a utilização de diferentes fármacos à base de testosterona que podem ser Deposteron®, Durateston®, Androgel®, Nebido®, dentre outros. Através do uso contínuo desse hormônio, eles vivenciam mudanças significativas em seus corpos, como o crescimento de pelos do rosto formando a barba e o bigode, mudança no timbre da voz que a torna mais grave, aumento da força muscular, aumento da libido sexual, mudanças no cheiro e espessura dos fluidos corporais e a interrupção da menstruação.
- ¹¹ O *binder* é um colete ou faixa feito de tecido elástico que comprime e esconde o tamanho dos seios. É bastante utilizado pelos homens trans que ainda não realizaram a mastectomia.
- ¹² Os *Packers* são próteses penianas que podem ser feitas de vários tamanhos, estilos, materiais e servem para fazer volume na roupa, para urinar em pé, para ter relações sexuais, e podem ser facilmente adquiridas em lojas virtuais ou em *sex shops*. Alguns homens trans fazem o *packer* com meias emboladas e dobradas para que simulem o volume do pênis na roupa.
- ¹³ Alguns homens trans utilizam o Minoxidil®, um vasodilatador que estimula o crescimento da barba e do bigode.
- ¹⁴ O chamado processo transexualizador, segundo Vergueiro (2015, p. 1), “é a base para a atenção específica às populações trans no sistema público de saúde (SUS), e é significativamente fundamentado em perspectivas patologizantes sobre a diversidade de identidades de gênero”.
- ¹⁵ Cisgênero ou simplesmente cis refere-se às pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído ao nascimento. Essa categoria é empregada para fazer referência às pessoas que não são trans e é utilizada para se opor a termos como *mulher/homem verdadeiros* ou *mulher/homem naturais* (JESUS, 2012).
- ¹⁶ Para uma análise mais aprofundada sobre esse aspecto, ver Monteiro (2020).
- ¹⁷ O estupro corretivo caracteriza-se como uma prática de violência e abuso sexual com o objetivo de corrigir a sexualidade e a identidade de gênero da vítima. Soares (2016) observa que esta é uma prática comum contra mulheres cisgêneras lésbicas masculinizadas como uma forma de impor-lhes que gostem do sexo oposto. Os homens trans e as pessoas transmasculinas também podem ser vítimas desse tipo de violência, uma vez que, ao construírem suas masculinidades em um corpo que é visto socialmente como feminino, estão sujeitos a serem estuprados para que *consertem* sua identidade de gênero e voltem a ser *mulheres de verdade*.

¹⁸ João Nery ficou conhecido como o primeiro trans-homem operado do Brasil, ou seja, ele foi um dos primeiros a passar por cirurgias para masculinizar seu corpo em 1977. João Nery foi ativista das causas trans, seus livros autobiográficos, como *Viagem Solitária* (NERY, 2011), inspiraram a história de muitos homens trans no país. João Nery faleceu em 2018.

Recebido em julho de 2021
Aprovado em outubro de 2021